

## AS FARPAS DO CASO JONATAS SANTOS: circulação das imagens em narrativas do inimaginável

THE BARBS OF THE JONATAS SANTOS CASE: circulation of images in narratives of the unimaginable

LOS DARDOS DEL CASO JONATAS SANTOS: circulación de imágenes en narrativas de lo inimaginable

### João Damasio da Silva Neto

Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos), mestre em Comunicação (UFG) e graduado em Jornalismo (Faculdade Araguaia). Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGCE/UFU). Pesquisador no Narra – Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade. Produtor cultural e coordenador de divulgação científica na UFU.

[joaodamasio16@gmail.com](mailto:joaodamasio16@gmail.com)



0000-0002-3505-5699

### Suianne Gonçalves de Souza

Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisadora no Narra - Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade. Gerente de comunicação no Instituto Semear.

[suiannegoncalvesdesouza@hotmail.com](mailto:suiannegoncalvesdesouza@hotmail.com)



0009-0009-6828-2204

Correspondência: Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1S, Sala 33, Santa Mônica, Uberlândia, MG, Brasil, CEP: 38400-902.

Recebido em: 19.02.2024  
Aceito em: 19.07.2025  
Publicado em: 14.12.2025

### RESUMO

O presente artigo analisa as imagens em circulação na cobertura midiática do caso de Jonatas Santos, criança assassinada em uma situação de conflitos agrários no Brasil, no dia 10 de fevereiro de 2022, em Roncadorzinho, na zona rural de Barreiras (PE). Com base em Didi-Huberman (2020), Mondzain (2013; 2016) e Rosa (2017; 2019), buscamos compreender os ícones que emergem na cobertura do caso e as operações icônicas que constituem a imagem de Jonatas como um símbolo dos massacres no campo, embora retorne ao campo do inimaginável diante da condição dos conflitos agrários no Brasil como uma catástrofe cotidiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Imagem; Circulação; Narrativa; Conflitos agrários.

## Introdução

Este trabalho apresenta as discussões resultantes de nossa pesquisa<sup>1</sup> sobre a circulação das imagens em narrativas do inimaginável. Nossa proposta inicial era explorar o processo de circulação das imagens a partir das narrativas sobre massacres no campo<sup>2</sup> no Brasil, de modo a compreender como essas situações de vulnerabilidade e invisibilidade social contrastam com a realidade atual de exacerbação midiática das imagens. Compreendemos que essas narrativas são da ordem do inimaginável – o adjetivo que atribuímos socialmente à barbárie e ao extermínio, sobretudo para não entrar em contato com a dor dos outros (Sontag, 2003; Didi-Huberman, 2020).

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada e debatida no GT “Comunicação e Sociabilidade”, durante o 31º Encontro Anual da Compós. Agradeço pelos valiosos comentários recebidos, que estimularam o aprofundamento do trabalho. Manifesto, ainda, minha especial gratidão aos editores e pareceristas da Observatório pela leitura atenta e cuidadosa.

<sup>2</sup> Massacres no campo são assassinatos coletivos em decorrência de conflitos agrários, conforme documentação da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

É interessante olhar especificamente para as imagens porque, nesses casos, elas nos desafiam conceitual e politicamente. Há “imagens apesar de tudo”, depondo “contra todo e qualquer inimaginável” (Didi-Huberman, 2020, p. 33). Ou seja, as imagens têm o poder de mostrar e demandar um olhar, mesmo quando não gostaríamos sequer de imaginar a catástrofe. Assim, formulamos uma primeira questão norteadora: que iconicidades<sup>3</sup> emergem em coberturas e narrativas de massacres no campo?

Para o presente estudo, selecionamos um único caso. Tomamos como ponto de partida os registros feitos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT)<sup>4</sup> e, a partir de uma exploração sobre as ocorrências do último ano (2022), nos detivemos na tentativa de massacre sofrida por uma família de posseiros<sup>5</sup> na zona rural de Barreiras (PE), que acabou vitimando Jonatas de Oliveira Santos, uma criança de nove anos de idade.

O inimaginável se apresenta. Jonatas de Oliveira Santos foi assassinado no ápice de sua condição de vulnerabilidade social, relacionada a uma ordem de catástrofes cotidianas (Leal & Gomes, 2020) na realidade das crianças que crescem em meio aos conflitos agrários no Brasil. Primeiramente, o caso chama a atenção por ferir os imaginários da infância intocável e da vida rural pacata, mobilizando estruturas profundas do social capazes de constituir imagens-choque (Sontag, 2003), esvaziando os sentidos, ou imagens-totens<sup>6</sup>, aquelas com alguma força de mobilização social (Rosa, 2017; 2019).

Contudo, já no levantamento do corpus, notamos o quanto a circulação do caso esteve restrita entre a luta empenhada pela CPT e a cobertura da mídia local, gerando outra inquietação sobre a capacidade de mobilização dessas imagens. Observando a cobertura jornalística e os desdobramentos sociais do caso, nossa pergunta se tornou mais específica e se estendeu em duas: *Que iconicidade emerge na circulação das imagens do caso Jonatas? E como ela o consolida como símbolo (imagem-totem) da violência no campo?*

---

<sup>3</sup> Como será detalhado adiante, o conceito de iconicidade (Mondzain, 2013) nos remete às operações imagéticas, ao modo como as imagens são pensadas e elaboradas socialmente ou, ainda, às políticas da imagem.

<sup>4</sup> A CPT acompanha esses casos desde 1985, resultando em um relatório anual, chamado “Conflitos no Campo”.

<sup>5</sup> Lavradores que ocupam pequenas áreas de terras devolutas ou improdutivas, tendo sua posse legal.

<sup>6</sup> Conceito formulado por Rosa (2017; 2019). São imagens que, por meio de sua circulação midiática, se tornam tótems ou símbolos, para além dos acontecimentos aos quais se referem inicialmente.

Antes de desenvolver melhor os conceitos utilizados na pesquisa, será importante o movimento metodológico de “configurar o caso” para compreender as dinâmicas presentes na circulação<sup>7</sup> dessas imagens. Depois, percorreremos a narrativa constituída na cobertura do caso cronologicamente para, por fim, analisar as operações icônicas que emergem nessa narrativa, como o acionamento de outras imagens e imaginários.

### **Jonatas de Oliveira Santos: configurando o caso**

O caso de Jonatas de Oliveira Santos ilustra vividamente os conflitos no campo brasileiro, que envolvem questões de posse, uso e distribuição de terras. Como já abordado, esses conflitos podem surgir de diversas origens, como disputas por propriedade, acesso a recursos naturais, direitos de uso da terra, reivindicações históricas e desapropriação, entre outras. Eles têm raízes profundas na história e na economia do país, em grande parte devido à concentração de terras e à falta de implementação completa de reformas agrárias, o que tem levado a um aumento da violência e de massacres no campo, muitas vezes agravados por fatores políticos e econômicos recentes. Esses conflitos não se limitam a áreas rurais, ocorrendo também em ambientes urbanos e envolvendo uma variedade de atores, como proprietários de terras, agricultores, comunidades tradicionais, empresas e governos locais e nacionais (Comissão Pastoral da Terra [CPT], 2023).

Apesar da influência significativa que tais conflitos exercem na sociedade brasileira, eles muitas vezes não são divulgados, registrados ou recebem algum tipo de acompanhamento de órgãos governamentais. Entre as organizações que desempenham o papel de regulação desses conflitos, a Comissão Pastoral da Terra publica anualmente um relatório, chamado “Conflitos no Campo Brasil”, com dados sobre violência, assassinatos e manifestações relacionadas a questões agrárias. Entre os 47 casos de assassinatos registrados no relatório referente ao ano de 2022, se destaca o de Jonatas Santos. Um menino de nove anos que foi brutalmente assassinado em fevereiro desse ano na zona rural de Barreiras, Pernambuco.

Segundo investigações realizadas posteriormente, o crime ocorreu quando sete homens encapuzados invadiram a casa da família, atirando primeiro no pai de Jonatas, Geovane da Silva Santos, que foi atingido de raspão no ombro e, em seguida, atiraram

---

<sup>7</sup> A circulação é uma instância de atribuição de valores no processo comunicativo, referindo-se aos intervalos entre os sentidos em jogo, para além dos fazeres de produtores (o que os veículos dizem) e receptores (o que o público reconhece) (Rosa, 2017; 2019).

no Jonatas, que morreu enquanto tentava se esconder sob uma cama com sua mãe. Segundo investigações realizadas posteriormente, o assassinato teria sido uma retaliação de um grupo de traficantes contra Geovane, que se recusou a vender suas terras. É importante ressaltar que o pai de Jonatas era uma das lideranças da comunidade, presidente da Associação dos Agricultores Familiares no local, e que a família já havia sofrido outras ameaças anteriormente. Além disso, a região de Roncadorzinho, onde se localiza a propriedade da família, já havia sido alvo de conflitos anteriores e órgãos regionais já haviam alertado sobre o aumento desses conflitos na área, mas somente após a morte de Jonatas o governo criou o Programa Estadual de Prevenção de Conflitos Agrários e Coletivos, evidenciando o impacto da repercussão do acontecimento.

De acordo com o relatório da CPT de 2022, Jonatas foi a única criança morta naquele ano em conflitos no campo. Outros quatro adolescentes, entre 12 e 18 anos, também foram assassinados e estão representados no relatório, mostrando como vivências infantojuvenis no campo são tocadas e anuladas pela violência no campo.

Nosso corpus não está apenas na representação constituída por um jornal ou nos entendimentos dos receptores, mas na circulação (Rosa, 2017). Por isso, nosso corpus não se restringe a algum tipo de mídia ou gênero textual específico, mas inclui notícias, artigos e reportagens em mídias digital e televisiva, bem como imagens, ilustrações e montagens em sites e redes sociais. Tomando essa perspectiva da circulação, pretende-se analisar não apenas alguma representação específica, mas a iconicidade que emerge na elaboração social e midiática do caso. Em especial compreende-se aqui que o caso Jonatas configura-se mobilizando necessariamente dois grandes imaginários: a vida no campo e a infância.

O primeiro aspecto imaginário parte da constatação de que se trata de um caso ligado à questão dos conflitos fundiários, definidos pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) como “ações de resistência e enfrentamento que acontecem em diferentes contextos sociais no âmbito rural envolvendo a luta pela terra, água, direitos e pelos meios de trabalho ou produção”. Casos como o de Jonatas nos lembram da relevância que os conflitos no campo exercem como parte da formação do meio rural brasileiro. Esses conflitos são atravessados por questões políticas, sociais e econômicas que se intensificaram nos últimos anos. Segundo dados analisados nos últimos relatórios de assassinatos por conflitos no campo levantado pela CPT, é possível observar um aumento gradual no número de mortes desde 2018, chegando a atingir o número de 47 assassinatos em 2022 em todo o país, incluindo o de Jonatas. Apesar de

desempenharem um papel essencial na formação do campo brasileiro, casos assim ainda não possuem a devida visibilização e compreensão (CPT, 2023).

O segundo aspecto imaginário se refere ao fato de que Jonatas era apenas uma criança de nove anos quando foi assassinado. Já é bastante problemática a circulação das imagens de crianças nos meios de comunicação. Segundo o Coletivo de Jornalismo Infantojuvenil (Colo), no campo jornalístico e fora dele, a infância é relegada a um não lugar, sendo ignorada ou excluída. De acordo com artigos e iniciativas levantadas pelo coletivo, é possível perceber que não só existe a ausência da escuta e participação ativa das crianças nas mídias, mas também uma tentativa de manipulação para se conseguir representar o que se deseja usando a imagem das crianças e adolescentes (Furtado & Doretto, 2020).

Essa situação fica ainda pior quando se trata da infância em situação de vulnerabilidade, como os casos estudados por Rosa (2017; 2019), que relacionaremos adiante, sobre crianças violentadas social e midiaticamente em situações como crises migratórias e violência urbana nos grandes centros. É preciso destacar como essas situações podem ser ainda diferentes do caso de Jonatas, cuja situação de vulnerabilidade está relacionada à catástrofe cotidiana dos conflitos no campo.

A partir dessa configuração do caso, contextualizado quanto aos imaginários sobre a violência no campo e a vulnerabilidade infantil, o presente trabalho se propõe a analisar diferentes materialidades desse acontecimento, buscando compreender se e como seu caso se consolida como um símbolo da violência no campo e da vulnerabilidade infantil em situações catastróficas. Isso é, buscamos entender que iconicidade emerge no caso de Jonatas e se ela o consolida como um símbolo da violência do campo.

### **Catástrofes cotidianas no campo brasileiro**

Já destacamos como as imagens do caso de Jonatas, nas diferentes materialidades analisadas, compõem imaginários de violência infantil e violência no campo, mesmo essas narrativas sendo relegadas ao apagamento. Compreendemos que se trata de uma questão inserida no debate acerca de catástrofes cotidianas (Leal & Gomes, 2020), conceito que pode causar estranhamento ao leitor, uma vez que a catástrofe seria o momento de ruptura com o cotidiano, quando algo inesperado afeta, geralmente de forma negativa, todo o contexto que se observa. Nesse sentido, é possível analisar que um assassinato como o de Jonatas é sim um acontecimento catastrófico, que se constitui no momento em que existe uma ruptura com o cotidiano.

Contudo, Leal e Gomes (2020) explicam que as catástrofes não são acontecimentos isolados, mas acontecimentos que se distanciam do que é socialmente considerado como “o cotidiano normal”. Portanto, compreendemos que a catástrofe deixa de ser o que entendemos como um grande “acontecimento” específico, para assumir o papel de um acontecer em aberto.

A catástrofe no cotidiano deixa de ser um “acontecimento”, um fato específico, e se torna um “acontecer”, um movimento, um deslocamento em aberto, que tem aspectos ideológicos, epistêmicos, existenciais e temporais, entre outros, cujos contornos ainda não foram suficientemente explorados, mantendo-se enigmáticos e instigantes (Leal & Gomes, 2020, p. 36).

Dessa forma, buscamos situar como a catástrofe se constrói no contexto no qual estamos inseridos, mas também a forma como as narrativas fazem parte dessa construção ao longo do tempo. Entendemos aqui a realidade de violência e massacres no campo como uma realidade de catástrofes cotidianas, isso pois os casos de assassinatos como o de Jonatas não são acontecimentos isolados, mas sim um conjunto de acontecimentos dentro da violência no campo. Mesmo que o assassinato de Jonatas possa ser considerado uma grande catástrofe, um acontecimento específico, ele não se encontra isolado. De acordo com o setor de documentação da CPT, o Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, que possui mais de 420 mil páginas de documentos digitalizados e organizados, somente em 2022, foram 47 pessoas assassinadas por causa de conflitos no campo, 12 pessoas a mais que no ano anterior.

Assim podemos perceber que o caso de Jonatas Santos é um acontecer em aberto que está se desenrolando no tempo e é influenciado por uma série de aspectos históricos, culturais, ideológicos, econômicos e sociais que envolvem massacres no campo e conflitos agrários. O caso de Jonatas é uma catástrofe cotidiana que vemos e que nos olha, nos instigando a questionar quais imagens e imaginários vão constituir essa narrativa e quais serão seus efeitos umas sobre as outras.

## **O jornalismo e a circulação de imagens de crianças**

De acordo com o artigo segundo da lei nº 8069, são consideradas crianças as pessoas com até doze anos incompletos e adolescentes aqueles entre 12 e 18 anos. Portanto, analisando o caso de Jonatas e os assassinatos do relatório da CPT no ano de 2022, podemos afirmar que ele foi a única criança assassinada naquele ano, enquanto

outras quatro pessoas entre 12 e 18 anos foram vítimas de assassinato nesse período, fazendo parte assim de um mesmo imaginário que afeta a infância e a juventude de pessoas no campo.

Tomando como ponto de partida que essas diferentes faixas etárias também são impactadas por questões sociais, sejam elas relacionadas à violência no campo ou outras questões de vulnerabilidade, tais como processos migratórios, conflitos armados e guerras, se faz necessário o debate sobre crianças e adolescentes na mídia. O número de pesquisas e organizações que se dedicam a compreender a representação e participação de crianças nas mídias jornalísticas é restrito. O Coletivo de Jornalismo Infantojuvenil (Colo) é uma das organizações que realiza um trabalho de análise dessa temática.

O coletivo busca compreender não só a representação das crianças, mas a participação delas nos meios comunicativos e como ocorre a produção de conteúdos voltados especificamente para esse grupo. Entre os vários trabalhos compilados pelo Colo, para a presente pesquisa são de grande relevância os resultados obtidos por Furtado e Doretto (2020), no qual é analisado como os manuais de redação de grandes veículos de comunicação no Brasil orientam o uso e representação de crianças e suas imagens nos materiais jornalísticos.

Segundo Furtado e Doretto (2020), os veículos de comunicação geralmente não reconhecem as crianças como cidadãs, mas apenas como pessoas resguardadas pela lei. Para as autoras, isso significa que as crianças são silenciadas socialmente e utilizadas como símbolos. "Isso ocorre por elas serem consideradas pelos adultos como seres inocentes e desprotegidos - o que lhes confere um caráter idílico, em relação aos vícios da idade adulta -, produzindo representações muitas vezes estereotipadas" (Furtado & Doretto, 2020, p. 34).

A partir da compreensão inicial de como as crianças são reconhecidas pela mídia em um lugar de não cidadania e assumem um papel muito mais instrumental, buscamos perceber também como a infância e a juventude são representadas em situações de vulnerabilidade. Se em uma primeira análise as crianças são vistas, na maior parte do tempo, como "seres inocentes e desprotegidos", quando chegamos às representações de crianças em situação de desamparo, elas se tornam símbolos ainda mais fortes da violência e do descaso.

Rosa (2019), por exemplo, evidenciou como as imagens do menino Aylan Kurdi, morto em 2015 devido à questão migratória na Síria, se consolidaram como uma imagem-totem, aquela que não pode ser quebrada e resiste ao tempo, sendo



protegida pela coletividade. A autora discute que o processo de circulação dessa imagem não permite que outras imagens concorram com sua força. Tomando como exemplo Aylan Kurdi, a fotografia do seu corpo lançado do mar à praia é frequentemente invocada para ilustrar a guerra na Síria.

Essas imagens seriam reconhecidas por sua capacidade de fantasmagoria, quando uma imagem acaba atuando como um fantasma de outras imagens produzidas posteriormente, adquirindo vidas póstumas. Como observado por Rosa (2017), essa fantasmagoria acontece, por exemplo, com a reaparição das fotografias de Aylan Kurdi nas imagens de Omran Daqneesh e Aya, que repercutem como novos rostos do conflito no Oriente Médio anos depois.

Apropriando essas discussões para o caso de Jonatas, temos em um primeiro momento o reconhecimento dele como uma criança que é resguardada pela lei e, portanto, não é escutada nas mídias enquanto ainda tem a chance de falar sobre a sua realidade. Entretanto, em um segundo momento, tentamos compreender se Jonatas se torna um símbolo da violência infantil no campo e, se isso acontece, de que forma suas imagens passam a circular, fazendo parte de outras narrativas de violência.

### **Refutar a desimaginação**

Ao falar de imagens, nos interessam aqui as perspectivas teóricas de Didi-Huberman (2020) e Mondzain (2013; 2016). O primeiro autor aponta o surgimento das imagens como uma forma de suprir o que o pensamento é incapaz de imaginar: “a imagem surge onde o pensamento – a ‘reflexão’, como dizemos tão acertadamente – parece impossível, ou, pelo menos suspenso: estupefato, aturdido” (Didi-Huberman, 2020, p. 52).

No livro “Imagens apesar de tudo”, Didi-Huberman (2020) analisa quatro fotografias feitas por membros do Soderkomando, de Auschwitz-Birkenau, realizadas com o apoio da resistência polonesa, em 1944. As fotos clandestinas registram uma parte do processo de gaseamento e extermínio da população judia. Durante o livro, o autor tenta mostrar como seria a vida dessas pessoas, os medos e os horrores aos quais elas eram submetidas ao serem obrigadas a participar do processo de apagamento do vestígio da existência de seu próprio povo.

A partir dessas descrições e justamente por elas, Didi-Huberman chama a atenção para o fato que, no meio de tanta barbárie, os membros do Soderkomando apelaram para a imagem e tiveram a coragem de fazer esses registros fotográficos para que talvez as pessoas pudessem saber algumas das coisas que aconteciam em



Auschwitz e fossem capazes de imaginar as atrocidades que aconteciam nos campos de concentração e extermínio. Assim, ele defende que nós temos o dever de analisar essas fotografias para “combater” a tentativa dos nazistas de apagar todos os rastros do que eles submetiam os judeus nesses locais (Didi-Huberman, 2020, p. 96).

Desse modo, também em nossa sociedade midiaticizada, frequentemente optamos por produzir imagens, de modo que o inimaginável talvez se torne cada vez mais improvável. O inimaginável, contudo, não se refere somente à existência das imagens, pois continua vigente na recusa de olhar e pensar sobre elas. Na circulação das imagens do caso de Jonatas, a recusa em analisar as imagens faria com que seu assassinato fosse colocado como algo inimaginável, impossível de acontecer. É por isso que é necessário perguntar pela iconicidade: que operações imagéticas estão implicadas quando circulam (ou não) as imagens de Jonatas?

A filósofa Marie José Mondzain (2013) defende que as imagens não são somente as representações visuais, mas atores no contexto cultural e social, que possuem uma presença ativa na formação imaginária da realidade. O principal aspecto do conceito de imagem seria sua força de se parecer com seu referente, constituindo um poder que pode e deve ser pensado, gerido e disputado.

Mondzain (2013) defende que “a grandeza e a miséria de todos os lugares da visão” estão relacionadas com “todas as nossas iconicidades”, isto é, aos modos como pensamos sobre as imagens e suas operações no mundo. Para ela, perguntar pela iconicidade é resgatar a “força especulativa e política” da imagem (p. 227).

Durante a entrevista “Imagem, sujeito e poder”, Mondzain (2016, p. 180) afirma que a imagem (no singular) é na verdade o termo genérico que designa o gênero cujas espécies seriam então o ícone e ídolo, de modo que eles designam uma relação (como no verbo grego *eikon*) e não um objeto (como seria no entendimento semiótico):

Chamo “visibilidades” o modo no qual aparecem no campo do visível, objetos que ainda esperam sua qualificação por um olhar. Irei chamar “imagem” o modo de aparição frágil de uma aparência constituinte para olhares subjetivos, em uma subjetivação do olhar. A “imagem” é efetivamente, no meu léxico, o que constitui o sujeito. O *eikon* (ícone) é o modo de aparição dos signos que permite a estes se constituir para permitir a partilha do simbólico. O “ídolo” é o modo no qual a questão do desejo pode se afundar e se aniquilar totalmente, quando o desejo de ver dá a si mesmo o objeto de sua completa satisfação, digamos, de seu gozo (Mondzain, 2016, p. 180).

De tal modo, quando perguntamos “que iconicidade emerge na circulação do caso Jonatas?”, estamos perguntando pelo conjunto das operações imaginárias evocadas pelas representações visuais ou pelas visibilidades do menino. Tais visibilidades são as fotografias, montagens e postagens que serão analisadas.

Diante desse entendimento sobre a imagem, Damasio (no prelo) propõe que a iconicidade não é apenas o pensamento de cada instituição ou de cada sujeito sobre as visibilidades, mas, com a midiaticização, a própria circulação é um movimento de qualificação sobre as imagens. Para Rosa (2017), o processo de circulação é uma dinâmica de formação de valores do imaginário. Isso pois o imaginário nada mais seria do que a circulação de sentidos como “obra coletiva” feita “ao longo do tempo” (Damasio, no prelo). Na perspectiva desses autores, embora as imagens midiáticas, por vezes, ultrapassem certos limites éticos ou sejam criticadas pelo excesso das visualidades, a circulação de imagens na midiaticização contribui para uma elaboração dos imaginários que a elas são associados.

Essa perspectiva nos traz também uma abordagem metodológica específica sobre a imagem. Para além da análise cronológica da cobertura sobre o caso do Jonatas, nos interessa a relação entre as imagens em circulação entre si e com outros imaginários, como dimensão capaz de revelar a iconicidade. O modelo para isso estaria em obras como o Atlas Mnemosyne<sup>8</sup> e outras pranchas de imagens, feitas em diversos outros contextos culturais, que propõem uma reflexão sobre como a aproximação de imagens traz à tona diferentes aspectos das imagens e convoca imaginários. Segundo Damasio (no prelo), “de certo modo, toda produção de imagens deve estar impregnada de sentido, portanto, de outras imagens” (p. 7).

Nesse sentido, retomando os imaginários de crianças em situação de vulnerabilidade e de massacres no campo, na circulação desses, faz-se presente o pressuposto de que as “fotografias e vídeos convocam estruturas profundas do social, acionando imagens interiores já consolidadas no social” (Rosa, 2019, p. 22). Esse é o processo que, por meio da circulação, reforça as referências às imagens-tótems.

Assim, além de compreender que iconicidade emerge do caso, nos colocamos como questão auxiliar entender se as imagens de Jonatas configuram uma imagem-totem. Para isso, buscaremos compreender as materialidades a serem analisadas não de forma individual, derivadas uma da outra ou completamente opostas, mas como

---

<sup>8</sup> Atlas Mnemosyne é uma obra inacabada, na qual Aby Warburg montou diversas pranchas de imagens, propondo um estudo da cultura estritamente através do estudo das imagens e das relações entre elas.

produções que, apesar de usarem diferentes reproduções imagéticas, acionam o imaginário acerca de uma catástrofe que de outra forma seria considerada inimaginável.

### Iconicidade do caso Jonatas

Diante da problematização apresentada, buscamos compreender quais são os ícones que emergem no caso de Jonatas Santos, menino de nove anos vítima de assassinato e violência no campo, e como eles o consolidam como símbolo dessa violência. Após detalhar os procedimentos adotados, avançaremos sobre dois movimentos analíticos, um baseado na cronologia da cobertura, outro nas relações icônicas observadas.

Para isso, abordamos diversas materialidades em circulação sobre o caso, por meio de buscas com as hashtags #Roncadorzinho #JustiçaPorJonathas e pelos links e fontes encontrados a cada nova materialidade acessada. Obtivemos um corpus que se constituiu por meio do acompanhamento da circulação do caso, desde a primeira notícia sobre o assassinato no dia 11 de fevereiro de 2022 (amanhecer seguinte à noite da ocorrência) até uma postagem com montagem explicativa feita um ano depois, no dia 10 de fevereiro de 2023, ambas por meio da conta no Instagram da Comissão Pastoral da Terra – Nordeste 2 (@cptne2).

Não houve necessidade ou pretensão de exaustão acerca dessas materialidades, pois não se tratava de uma análise de todo o conteúdo, mas de um acompanhamento do caso, seguido do estudo sobre suas imagens. De tal modo, inicialmente foram levantadas para esse trabalho apenas três textualidades, que exemplificam de maneira objetiva o processo de elaboração do imaginário sobre o caso de Jonatas, desde sua condição indicial no jornalismo, passando pelo momento em que ele adquire densidade como ícone em disputa de sentidos, até enfim se tornar um símbolo da luta pela terra. Ao longo dessa primeira análise, foram percebidas diversas questões que tangenciam debates sobre a violência no campo e que ferem o imaginário da infância intocável, algo que para melhor entendimento demandou também a análise de outras publicações relacionadas ao caso.

De tal modo, levantamos ao todo 20 materialidades que transitam entre reportagens, artigos, notícias, podcast, vídeos e fotos, presentes em portais de notícia, jornais e revistas online, além do portal oficial da CPT e da rede social da Comissão Pastoral da Terra Nordeste 2 (@cptne2) no Instagram. Para esse segundo olhar, consideramos mais que o tipo de materialidade, local de publicação e contextualização

realizada pelo veículo. Nesse momento, voltamos nosso olhar para quem insere cada imagem em circulação e de qual forma faz uso dos ícones da violência no campo e do imaginário da fragilidade da infância para construir a narrativa sobre Jonatas.

Essas materialidades foram observadas conforme a cobertura do caso em sua cronologia, apresentando o trajeto narrativo da condição indicial para a condição simbólica das imagens utilizadas. Posteriormente, analisamos propriamente a iconicidade do caso Jonatas a partir das operações icônicas observadas, atentando à relação entre imagens e imaginários.

### **Cobertura do caso: do índice ao símbolo**

Em uma análise cronológica das materialidades do caso de Jonatas é possível perceber um movimento que surge da indicialidade do factual em direção à consolidação da imagem de Jonatas como um símbolo da violência no campo. No dia seguinte à morte de Jonatas, no dia 11 de fevereiro de 2022, a notícia foi disparada em três postagens no Instagram da Comissão Pastoral da Terra<sup>9</sup>, com imagens da casa após o atentado. Nos comentários à postagem, diversas pessoas marcam perfis de políticos, celebridades e veículos jornalísticos para dar visibilidade ao caso.

Mas, nesse primeiro momento, registram-se apenas duas reportagens. Uma, publicada no jornal online Brasil de Fato, com o título “Criança é morta em ataque à família de líder comunitário, na mata sul de Pernambuco”<sup>10</sup>, e a outra no portal da própria CPT, “Criança de nove anos é assassinada a tiros; menino era filho de liderança do Engenho Roncadorzinho, na Mata Sul de PE”<sup>11</sup>.

Nessas primeiras publicações, percebe-se que a imagem de Jonatas não é colocada como algo principal, além disso, é muito usado o termo “a criança” para se referir a Jonatas, em um movimento de afastamento do caso que prioriza de fato as informações transmitidas e sua ligação com os conflitos fundiários.

Esse distanciamento é percebido nas manchetes e legendas que trazem o foco do leitor para o acontecimento de que “uma criança de nove anos foi assassinada”, mas também é perceptível essa escolha nas imagens. Duas dessas materialidades, a

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CZ1tAZxM87\\_/](https://www.instagram.com/p/CZ1tAZxM87_/). Acesso em: 16 ago. 2023.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.brasildefatoe.com.br/2022/02/11/crianca-e-morta-em-ataque-a-familia-de-lidercomunitario-na-mata-sul-de-pernambuco>. Acesso em: 16 ago. 2023.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/5923-urgente-criancade-nove-anos-e-assassinada-a-tiros-menino-era-filho-de-lideranca-do-engenho-roncadorzinho-na-mata-sul-depe>. Acesso em: 28 out. 2023.

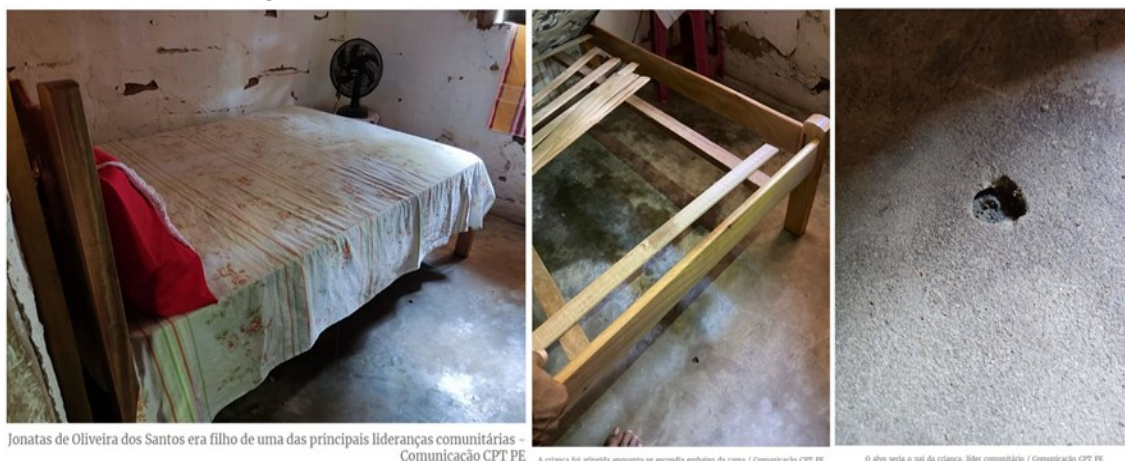
reportagem no Brasil de Fato e um post no Instagram da CPT, dão destaque para o local do crime fazendo uso de imagens do quarto, em seguida da cama onde Jonatas teria se escondido e por fim da bala no chão.

As imagens utilizadas ao longo dessa primeira narrativa já nos apresentam o primeiro aspecto de iconicidade do caso Jonatas, que buscamos reunir e destacar com o procedimento da montagem (Figura 1). No texto, as imagens estão distribuídas ao longo da reportagem, mas, para efeito de análise, é interessante notar como a montagem das imagens lado a lado (Damasio, no prelo) gera formalmente o efeito de close induzido pela edição da notícia, que privilegia uma imagem indicial – isto é, uma sequência de fotografias com os índices da violência ocorrida, tendo como base o material produzido por agentes pastorais da CPT.

Logo na sequência à notícia do crime, ganha destaque o enterro. É importante também observar que o outro post no Instagram da CPT<sup>12</sup> e a notícia publicada em seu portal<sup>13</sup> fazem uso da mesma imagem: uma foto do enterro de Jonatas, onde em primeiro plano vemos um arame farpado próximo ao chão e, em segundo plano, desfocadas, estão as pessoas que foram ao enterro. A imagem é ainda acompanhada de um título e texto-legenda, que são inscritos por cima da fotografia em cores chamativas (Figura 2).

### Figura 1

*Compilação das imagens apresentadas na notícia do Brasil de Fato*



Fonte: Retirado de Brasil de Fato / Rodrigo (2022).

### Figura 2

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZ1y7BwsqgO/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/5923-urgente-criancade-nove-anos-e-assassinada-a-tiros-menino-era-filho-de-lideranca-do-engenho-roncadorzinho-na-mata-sul-de-pe>. Acesso em: 16 ago. 2023.



*Imagem do enterro de Jonatas em postagem da CPT*



Fonte: Retirado de CPT (2022).

Nesse momento, encontramos no arame farpado um símbolo do campo, mas também um símbolo da violência (algo lembrado, por exemplo, na iconografia sobre os campos de concentração e o holocausto). O uso desse símbolo pela CPT demonstra um olhar já habituado a tratar sobre a violência no campo e que de tal modo evoca determinados imaginários para sua narrativa, algo que só será feito por outros veículos depois.

Seguindo uma linha do tempo, a próxima notícia, novamente uma postagem da CPT<sup>14</sup>, registrou uma visita do Programa Estadual de Proteção a Defensores e Defensoras de Direitos Humanos (PEPDDH) à família de Jonatas, buscando contextualizar as motivações e responsabilidades do crime, priorizando o aspecto factual nas imagens.

O mesmo também se evidencia nas reportagens “Entenda o conflito agrário em área onde menino de 9 anos, filho de líder rural, foi executado; entidades cobram apuração rigorosa”<sup>15</sup> e “Assassinato de filho de líder rural ‘é típico de atividade de

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZ5Pcy0Mkur/>. Acesso em: 28 out. 2023.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/02/13/entenda-o-conflito-agrario-em-area-onde-menino-de-9-anos-filho-de-lider-rural-foi-executado-entidades-cobram-apuracao-rigorosa.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2023.



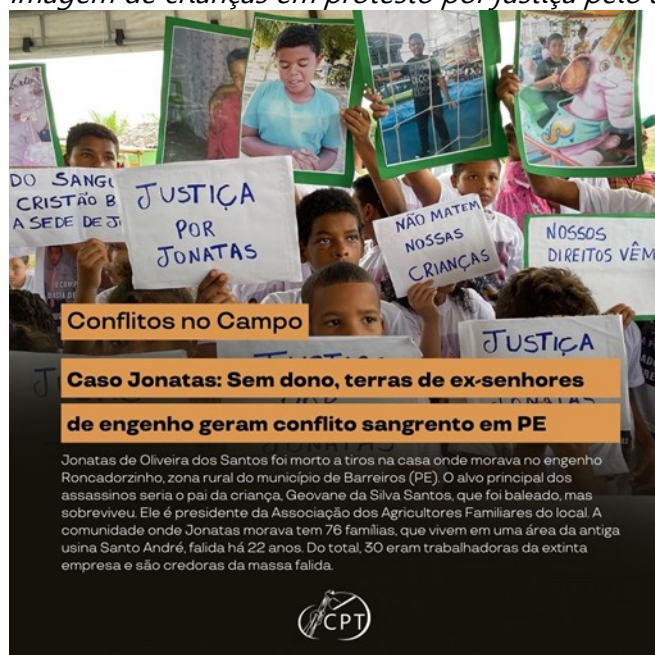




mesmo título e um post no Instagram da organização. Nesse momento, a imagem de Jonatas se multiplica. O destaque é dado para diferentes crianças em protesto por justiça pela morte dele (Figura 4). Vemos várias fotos de Jonatas repetidas nos cartazes que as crianças seguram, além disso, na reportagem também são lembradas as imagens da casa de Jonatas e do buraco da bala no chão, uma forma de recordar os indícios da violência e conectá-los às crianças no protesto.

**Figura 4**

*Imagem de crianças em protesto por justiça pelo assassinato de Jonatas*



Fonte: Retirado de CPT / Madero (2022).

Chegamos então ao artigo “Jonatas e o Massacre no Campo”<sup>25</sup>, de Gabriel Lui e Renato Sérgio de Lima, publicado na revista Piauí no dia 25 de fevereiro. Aqui, ocorre um salto simbólico quanto às imagens. Como já não se trata de um texto do gênero informativo ou noticioso, o artigo não utiliza imagens de Jonatas, dos protestos ou atos, da família, da casa onde aconteceu o assassinato ou dos indícios desse crime violento. Mostra-se apenas uma ilustração gráfica, na qual aparece um corpo sem rosto caído no chão, ao lado de uma bola de futebol murcha, enquadrado por dois fios de arame farpado, todos os elementos na paleta de cores da revista.

em-pe. Acesso em: 30 jun. 2023.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/jonatas-e-o-massacre-no-campo/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

Percebemos aqui um movimento não de afastamento de Jonatas, como acontece nas primeiras materialidades apresentadas, mas a ideia de que não é necessário fazer uso das imagens da cobertura para invocar o imaginário da violência no campo, da infância e de Jonatas. O artigo, de fato, vai além do caso, pois discute o tema mais amplo da questão fundiária e da violência no campo, não o crime, os suspeitos ou atos pela morte de Jonatas. O caso é trazido como um gancho, um símbolo dessa violência, para que ela seja debatida.

### Figura 5

*Ilustração presente no artigo da Piauí sobre o caso Jonatas*



Fonte: Retirado de Piauí / Lui e Lima (2022).

Por fim, a última materialidade levantada para análise do caso foi uma postagem<sup>26</sup> realizada no Instagram da Comissão Pastoral da Terra um ano depois do ocorrido, no dia 10 de fevereiro de 2023, em memória da morte de Jonatas. O post é uma montagem de fotos de Jonatas e das crianças no protesto pela sua morte. Em todas as fotos, é usado um filtro verde e por cima de algumas das imagens a organização coloca textos explicativos sobre o caso. Também vale observar aqui que há novamente o uso das hashtags #JustiçaPorJonatas.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaSDGXMO9r/>. Acesso em: 28 out. 2023.

**Figura 6**

*Post em memória de um ano da morte de Jonatas*



Fonte: Retirado de Instagram / CPTNE2 (2023).

Observando cada uma das materialidades em sua ordem de publicação, conseguimos observar um processo no qual inicialmente são trazidos índices de uma violência (as imagens do local do crime, do buraco da bala no chão e depois do sangue na bolsa). Essas materialidades iniciais apresentam uma tendência de abordagem da história de Jonatas de forma mais impessoal, pois apresentam os acontecimentos de forma direta e objetiva, trazendo fotos que não remetem o leitor a Jonatas, mas sim a cenas de violência e até mesmo a questão latifundiária.

Depois, surge a força das imagens de Jonatas, evocando sua representatividade para a questão fundiária. É possível observar esse movimento quando a foto de Jonatas olhando para baixo é repetida em diversas materialidades. A violência, antes indicial, é associada de fato a Jonatas em um processo para transformá-lo em um símbolo dessa violência.

Esse símbolo é então consolidado quando suas imagens abrem espaço para outras representações que, apesar de não mostrarem seu corpo diretamente, como nos casos da ilustração na Piauí e das publicações com fotos das crianças no protesto. Entretanto, a consolidação de Jonatas de Oliveira Santos como um símbolo da violência do campo não se detém em materialidades exclusivas do seu caso. Como abordado previamente pelo presente trabalho, o processo de circulação e elaboração

de imaginários vai além e resgata casos e materialidades com diferentes níveis de semelhança, fazendo uso delas para a formação de seus sentidos e contribuindo para a formação de outros.

### **Jonatas como símbolo dos massacres no campo: os buracos, a pobreza, as farpas e a criança**

O acompanhamento da cobertura do caso nos permitiu destacar, até aqui, as imagens em circulação em perspectiva cronológica. De outro modo, quando nos perguntamos pela iconicidade que emerge na circulação das imagens do caso Jonatas, precisamos ir além da análise da cobertura. A partir deste momento, buscaremos entender as operações icônicas em jogo, isto é, a circulação entre imagens e imaginários, conforme a heurística acionada neste estudo (Damasio, no prelo; Didi-Huberman, 2020; Mondzain, 2013 e 2016; Rosa, 2017 e 2019).

Para compreender a iconicidade do caso Jonatas, é preciso, primeiro, destacar os ícones que constituem essa narrativa. Nesse sentido, a princípio, observamos no caso os indícios da violência de forma muito latente, como os buracos das balas que foram disparadas e o sangue no local do crime. Apesar de não serem fotografias diretas do crime que ocorreu, são indícios dessa violência e um marco que ela de fato aconteceu. Contudo, a violência não se mantém presa a esses ícones, ela é identificada nas representações do ambiente em que aconteceu o crime, o quarto e a casa de Jonatas.

Nesse sentido observamos a violência ligada ao conceito de catástrofes cotidianas, isso pois, temos a compreensão de que a realidade na qual Jonatas vivia era perpassada por inúmeras violências, sejam elas agressões e ameaças ou violências sociais e econômicas. Sobre esse aspecto, observamos a repetição de fotografias da fachada da casa da família e da cama onde Jonatas se escondeu como ícones da pobreza e da violência no campo.

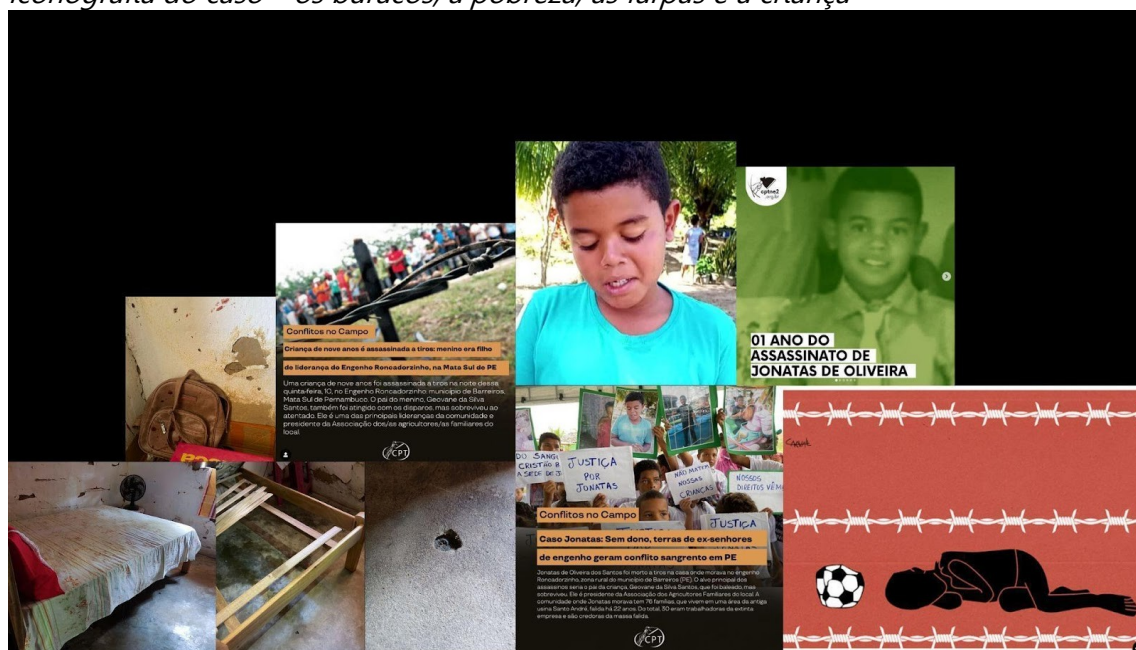
Esse aspecto é ainda reiterado pela reprodução do arame farpado, um ícone já destacado anteriormente nesse trabalho. O arame farpado surge aqui como algo que lembra a realidade rural, mas também é um elemento fortemente lembrado quando falamos sobre os campos de concentração, sendo repetido em vários filmes e documentários sobre o acontecimento. Portanto, as imagens que fazem uso desse elemento no caso de Jonatas são atribuídas como símbolos da violência e do campo simultaneamente.



Outro ícone revelador da iconicidade do caso está relacionado à infância. Além do fato de que Jonatas era uma criança de nove anos e, portanto, já evoca o imaginário da infância, observamos que ele também se constitui como um ícone em seu próprio caso. Isso acontece principalmente nas materialidades que abordam os protestos por justiça pela morte de Jonatas, em que sua foto aparece em vários cartazes que outras crianças seguram. Ele aparece como um ícone e a representação de várias crianças, que são parecidas com Jonatas, no protesto são quase a replicação desse ícone.

### Figura 7

*Iconografia do caso – os buracos, a pobreza, as farpas e a criança*



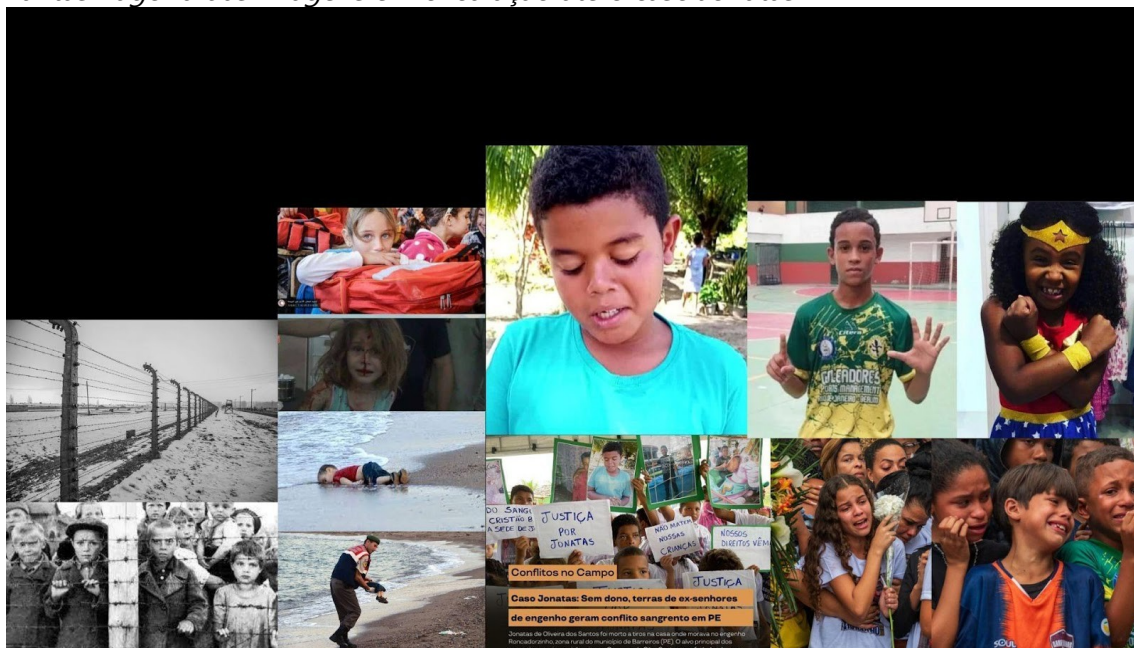
Assim, conforme vemos na Figura 7, a iconografia do caso pode ser sintetizada nas imagens dos buracos de bala que deixam tantas lacunas e marcas da violência; a pobreza que caracteriza o contexto de vulnerabilidade de quem vive em meio aos conflitos no campo; as farpas que relacionam uma característica do rural (as cercas) e um imaginário da ferida e da violência; e a criança, quando seu corpo se torna imagem. Quando a imagem de Jonatas aparece, todos os sentidos anteriores já estavam consolidados e são relacionados a ele, gerando o fenômeno do imaginário conhecido como *pregnância simbólica*<sup>27</sup> (Didi-Huberman, 2020).

<sup>27</sup> O conceito de *pregnância simbólica* foi utilizado por Didi-Huberman e outros teóricos da imagem, mas foi inicialmente proposto por Ernest Cassirer como a capacidade que as imagens têm de se impregnarem de outras imagens e adquirirem força e eficácia simbólica.

## Um processo de totemização

Assim como consideramos, a pregnância simbólica faz com que as imagens do caso de Jonatas se apropriem de outros imaginários, tanto sobre a violência no campo, quanto sobre a violência infantil. As imagens de Jonatas trazem consigo estruturas anteriores a ela, evocando as imagens de outras crianças em situação de vulnerabilidade. Por isso, podemos relacioná-las a outras imagens da violência infantil, como o caso de Thiago Menezes (menino de 13 anos morto na Zona Oeste do Rio de Janeiro)<sup>28</sup>, ou o caso de Ágatha Vitória (menina de 8 anos morta à tiros no Rio de Janeiro)<sup>29</sup>, mas ainda de casos mais distantes como o de Aylan Kurdi<sup>30</sup>, que se tornou um símbolo mundial da guerra na Síria. Vide Figura 8.

**Figura 8**  
*Fantasmaqoria das imagens em circulação até o caso Jonatas*



A partir da compreensão dos ícones que destacamos sobre o caso de Jonatas, tentamos compreender como eles fazem parte do processo de constituição do caso

<sup>28</sup> O adolescente Thiago Menezes Flausino morreu baleado na Cidade de Deus, na Zona Oeste do Rio na madrugada do dia 07 de agosto de 2023, seu caso teve grande repercussão devido a violência do assassinato e a produção de imagens comoventes do funeral do seu funeral.

<sup>29</sup> Ágatha Félix foi uma menina de 8 anos foi morta por uma bala perdida no dia 20 de setembro de 2019, no alto do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro.

<sup>30</sup> Aylan Kurdi foi um menino sírio que morreu afogado numa praia da Turquia e cujas fotografias de seu corpo na praia se tornaram um símbolo mundialmente conhecido sobre a questão dos refugiados.



como um símbolo da violência no campo e se o caso de Jonatas se constitui realmente como um símbolo dessa violência – assim como aconteceu como as imagens de Thiago, Ágatha e Kurdi, que, por meio das dinâmicas da circulação, se constituíram como imagens-tótems (Rosa, 2017; 2019).

Como já abordamos anteriormente, segundo Rosa (2017), a imagem-totem é uma imagem que se torna um símbolo forte e influente, sendo inquebrável e resistente à temporalidade, pois é protegida pelo coletivo. A autora defende ainda que, no movimento de circulação, outras imagens não têm a capacidade de concorrer com as imagens-totem. Por exemplo, mesmo que existam muitas outras imagens sobre a questão migratória, elas não conseguem alcançar a mesma força simbólica que a fotografia original de Aylan Kurdi.

Assim, esse processo das imagens-totem, de resgatar significados de outros imaginários e se apropriar deles para a elaboração de imaginários, inibe outras produções que fujam do principal sentido posto em circulação (Rosa, 2017). A isso, a autora denomina como a capacidade de fantasmagoria das imagens, isso é, quando uma imagem atua como um fantasma de outras imagens produzidas posteriormente, adquirindo vidas póstumas.

Aquelas outras imagens de crianças, portanto, aderem ao caso de Jonatas por meio de uma fantasmagoria (Rosa, 2017). Ao mesmo tempo, Jonatas também passa a fazer parte desse imaginário, em um processo em que a infância tida como intocável é manchada e trazida para contextos extremos de violência.

A circulação das imagens, fotos, ilustrações e montagens no caso Jonatas constitui uma iconicidade relativa à violência no campo e da infância. Ou seja, essas materialidades são parte da formação dos imaginários acerca da violência no campo, dos conflitos fundiários e da realidade de crianças em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, a ausência dessas imagens e representações ou a recusa a analisá-las faz com que o assassinato de Jonatas retorne ao campo do inimaginável.

### **O retorno do inimaginável na catástrofe cotidiana dos conflitos no campo**

Mesmo ao fazer parte de um imaginário da violência contra crianças, é perceptível a diferença da visibilidade dada para o caso de Jonatas: a realidade do seu assassinato é tão cruel e desumana quanto a realidade dos assassinatos de Thiago e Ágatha e da morte de Aylan Kurdi, mas seu caso é pouco lembrado e pouco reconhecido como uma violência contra uma criança que deve ser combatida tanto quanto qualquer outra.

Diferentemente dos casos de Ágatha e Thiago, que são vítimas da violência policial no Rio de Janeiro, uma temática de grande debate no Brasil; e ainda muito distante de Aylan Kurdi que teve seu caso repercutido mundialmente e cujas fotos chegaram a se consolidar enquanto imagens-totem (Rosa, 2017; 2019), o caso de Jonatas repercute localmente, em seu território e nas mídias de entidades, como a CPT. Isso é ainda mais estranho se lembrarmos que, segundo o levantamento realidade pela CPT, Jonatas foi a única criança (abaixo de 12 anos) assassinada em uma tentativa de massacre no campo. O critério de noticiabilidade e o mote para mobilização social se apresenta, mas a repercussão não vem.

Uma hipótese a ser colocada em questão nos remete à constatação de que a violência no campo infelizmente não é um tema de debate que ganha destaque no país, sobretudo pela contraposição de agentes hegemônicos do agronegócio envolvidos nas disputas pela terra. Por isso é que, ao identificarmos que Jonatas se torna símbolo dos conflitos no campo, nos questionamos também em que medida ele se configura de fato como uma imagem-totem, capaz de mobilizar operações visuais, narrativas e imaginárias que afetam a catástrofe cotidiana dos conflitos no campo.

A princípio, pensamos que talvez o caso fosse chocante demais para ser totemizado, já que o inimaginável anda ladeado com a imagem-choque (Sontag, 2003), aquela que explicita a violência e o sofrimento, possuindo o poder de chocar e despertar emoções nos espectadores. São imagens que têm o potencial de sensibilizar, mas que também levam à banalização do sofrimento, pois este é inimaginável. Mas, como pudemos observar, as imagens do caso de Jonatas não possuem a crueza e o elemento do choque criticados por Susan Sontag (2003), pois, ainda que haja índice da violência, não mostram registros diretos dela.

Então, para além disso, também questionamos a validade da configuração da imagem de Jonatas como imagem-totem, ou seja, símbolo da violência no campo. Seguindo a definição de Rosa (2019), no caso das imagens-totens, “a imagem se configura no próprio fato, sendo que as remissões feitas a ele são, na verdade, feitas em relação à imagem”. Não reconhecemos isso expressivamente nas imagens de Jonatas, visto que não ocorre a valorização de uma imagem ou representação específica que seja capaz de atuar sozinha como um símbolo da violência infantil nos conflitos agrários na sociedade de modo geral.

Já de modo mais territorializado, a repercussão do caso de Jonatas e a circulação de suas imagens nas diferentes mídias influenciaram atos, movimentos e até mesmo a criação do Programa Estadual de Prevenção de Conflitos Agrários e Coletivos,

realizado pelo governador Paulo Câmara (PSB), que assinou um decreto destinando R\$ 2 milhões de investimento e se encontra no âmbito da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, com o intuito de concentrar a política pública de apoio às pessoas ameaçadas em causas como os conflitos rurais. Além disso, em 19 de agosto de 2022, com a força que os protestos ganharam, o governo de Pernambuco decretou a desapropriação do engenho Roncadorzinho em favor das famílias residentes na localidade. De tal modo, fica evidente que as imagens do caso como um todo simbolizam e elaboram algo sobre essa violência, a ponto de influenciar movimentações reais na sociedade.

### Considerações finais

Nosso estudo pretendeu compreender o lugar das imagens na reconfiguração/reimaginação de uma catástrofe cotidiana – não apenas o evento catastrófico do assassinato de Jonatas, mas a realidade de luta e opressão que de fato o colocou nessa situação. Para isso, buscamos responder as seguintes perguntas: Que iconicidade emerge na circulação das imagens do caso Jonatas? E como ela o consolida como símbolo (imagem-totem) da violência no campo?

Por meio da perspectiva de Didi-Huberman (2020) sobre a importância das imagens contra o inimaginável com o qual temos de lidar enquanto sociedade, compreendemos que as fotos e representações do caso Jonatas nos colocam diante dos imaginários das violências no campo e contra crianças em situação de vulnerabilidade. Também entendemos como as imagens de Jonatas evocam outros imaginários e fazem parte da construção de tantos outros. De certo modo, a circulação das imagens de Jonatas vai além do paradigma das foto-choque (Sontag, 2003).

Concluimos a análise do caso de Jonatas com a compreensão de que existe uma evolução na representação de Jonatas, cronológica e anacronicamente que passa de um acontecimento factual para se tornar um símbolo na luta contra a violência no campo. Observamos que as imagens associadas ao caso transmitiram não apenas um evento isolado, mas estabeleceram conexões com a violência agrária e principalmente com outras formas de violência infantil.

Dessa forma, o caso de Jonatas revelou-se um elemento representativo, instigando debates e ações, tornando-se um símbolo significativo da violência em espaços rurais. A circulação dessas imagens revela o poder das representações visuais na construção de narrativas sociais e seu papel na conscientização e mobilização sobre questões urgentes, como a violência infantil e a luta pela justiça no campo. No caso

estudado, a iconicidade do caso Jonatas inverte os termos: suas imagens não vêm apenas testemunhar um assassinato, mas elaborar a catástrofe cotidiana dos conflitos no campo.

Reconhecemos que o caso de Jonatas é perpassado por inúmeras outras questões, tais como o debate ético e legal da divulgação de suas imagens, a questão social e regional discutida brevemente nos tópicos de análise e ainda muitos outros casos de violência e representação infantil nas mídias jornalísticas. No presente trabalho não nos propomos a esgotar as questões de debate sobre o caso e a violência no campo, mas instigar a discussão dele para que casos como o de Jonatas não sejam mais uma realidade cotidiana à qual outras crianças possam ser expostas futuramente.

## Referências

- Coletivo de Jornalismo Infantojuvenil. (2023). *Quem é o Colo*.  
<https://www.coletivocolo.com.br/o-que-e-o-colo>
- Comissão Pastoral da Terra. (2023). *Conflitos no campo Brasil 2022*.
- Comissão Pastoral da Terra. (2023). Metodologia. *Massacres no campo*.  
<https://www.cptnacional.org.br/massacresnocampo>
- Conselho Nacional de Justiça. (2008). *Relatório sobre a Situação dos Conflitos Fundiários Rurais no Brasil*.  
[https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2011/02/relat\\_conflitos\\_fundiarios\\_2008.pdf](https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2011/02/relat_conflitos_fundiarios_2008.pdf)
- Damasio, J. (no prelo). Pranchas de imagens em circulação: explorando as iconicidades do imaginário na midiatização. In *Experimentações metodológicas em circulação, imagem e midiatização*.
- Didi-Huberman, G. (2020). *Imagens apesar de tudo*. Editora 34.
- Doretto, J. (2010). *Pequeno leitor de papel: jornalismo infantil na Folhinha e no Estadinho* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo.  
<http://doi.org/10.11606/D.27.2010.tde-05112010-113714>
- Furtado, T. H.; & Doretto, J. (2020). Criança cidadã? Os manuais de redação e as orientações sobre infância e adolescência. *Mídia e Cotidiano*, 14(1), 32-54.
- Leal, B. S.; & Gomes, I. M. M. (2020). Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. In Maia, J.; Bertol, R.; Valle, F.; Manna, N. (Eds.). *Catástrofes e crises do tempo: historicidades dos processos comunicacionais* (pp. 31-52). Belo Horizonte: UFMG.
- Mondzain, M. J. (2013). *Imagem, ícone, economia: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo*. Contraponto e Museu de Arte do Rio.
- Mondzain, M. J. (2016). Imagem, sujeito, poder. *Outra travessia*, 22, 175-192.  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p175>
- Rosa, A. P. (2019). Imagens que pairam: A fantasmagoria das imagens em circulação. *Famecos*, 26(2).  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/31605>
- Rosa, A. P. (2017). Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Aylan Kurdi e sua constituição em totem. *Observatório*, 3(1), 327-351.  
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2936>
- Sontag, S. (2003). *Diante da dor dos outros*. Companhia das Letras.

Tavares dos Santos, J. V. (2020). *Conflitos agrários e violência no Brasil: agentes sociais, lutas pela terra e reforma agrária*.  
<https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rjave/paneles/tavares.pdf>

**ABSTRACT**

The present article analyzes the images circulating in the media coverage of the case of Jonas Santos, a child murdered in a situation of agrarian conflicts in Brazil on February 10, 2022, in Roncadorzinho, in the rural area of Barreiras (PE). Drawing on Didi-Huberman (2020), Mondzain (2013; 2016), and Rosa (2017; 2019), we seek to understand the icons that emerge in the coverage of the case and the iconic operations that constitute Jonas' image as a symbol of massacres in rural areas, even as it returns to the realm of the unimaginable in the face of the condition of agrarian conflicts in Brazil as an everyday catastrophe.

**KEYWORDS:** Journalism; Image; Circulation; Narrative; Agrarian conflicts.

**RESUMEN**

El presente artículo analiza las imágenes que circulan en la cobertura mediática del caso de Jonas Santos, un niño asesinado en una situación de conflictos agrarios en Brasil el 10 de febrero de 2022, en Roncadorzinho, en la zona rural de Barreiras (PE). Basándonos en Didi-Huberman (2020), Mondzain (2013; 2016) y Rosa (2017; 2019), buscamos comprender los íconos que emergen en la cobertura del caso y las operaciones icónicas que constituyen la imagen de Jonas como un símbolo de las masacres en el campo, aunque regresa al ámbito de lo inimaginable ante la condición de los conflictos agrarios en Brasil como una catástrofe cotidiana.

**PALABRAS CLAVE:** Periodismo; Imagen; Circulación; Narrativo; Conflictos agrarios.